

História Oral e Jornada do Herói na contribuição de perfis jornalísticos: uma análise do perfil *Um homem sem documento*¹

Iago PORFÍRIO²

Edson SILVA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

O presente trabalho tem como proposta discutir os métodos da História Oral (Paul Thompson, 1992) e Jornada do Herói (Martinez, 2008) no que tange à construção de perfis jornalísticos, histórias de vida em jornalismo literário, estabelecendo um diálogo com a oralidade e técnicas da reportagem narrativo-descritiva de pessoa, estudadas por Coimbra (1993). Para isso, é analisado o perfil *Um homem sem documento*⁴, construído com os métodos e recursos narrativos em questão, para resgatar a dimensão do drama humano e a reconstrução de histórias de vida de protagonistas do cotidiano.

Palavras-chave: Perfil Jornalístico; Jornada do Herói; História Oral; Narrativas; Jornalismo Literário.

Introdução

A discussão que nos interessa neste presente trabalho é a utilização dos recursos narrativos da Jornada do Herói e métodos de captação de histórias de vida da História Oral na contribuição para o perfil jornalístico. Do mesmo modo, são apresentadas técnicas da reportagem narrativo-descritiva de pessoa, fundamentadas e demonstradas com a análise do perfil *Um homem sem documento*.

O perfil em questão foi construído pelo autor deste trabalho, para fins analíticos, após reflexão dos estudos ditos anteriormente.

¹ Trabalho apresentado ao IJ - Intercom Júnior 01 – Jornalismo - XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduando do 7º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo; e-mail: iagoporfiriojor@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo; e-mail: eseiva@terra.com.br.

⁴ O perfil pode ser acessado no link: https://issuu.com/iagoporfirio/docs/perfil_um_homem_sem_documento.

Considerando as ideias de Montenegro (1994)⁵ de que o recurso da História Oral é também uma inserção de socialização das camadas populares, costurando, assim, o tecido da história contada por quem a viveu, podemos ampliar o ponto de vista para o método de construção de histórias de vida da Jornada do Herói, que atua em conjunto com essa captação de boas histórias, pois ambos têm a personagem como protagonista de sua própria história.

Dessa maneira, o trabalho divide-se em três partes. A primeira é feita uma reflexão sobre o perfil, biografia de curta duração. Posto que a diferença entre a biografia e o perfil fica evidente quando consideramos que, na primeira, é feito um resgate da trajetória e conjunturas das histórias de uma determinada personagem, a segunda, no entanto, o foco da narrativa recai sobre alguns momentos vivenciados pela personagem. Acrescenta-se a isso o resgate de tais histórias através da memória. Para tanto, é feita uma observação dos estudos de Élea Bosi (1987).

Na segunda parte, são refletidos as técnicas e métodos da História Oral e Jornada do Herói na contribuição de perfis jornalísticos. Tratam-se, portanto, de possibilidades de narrativas, de modo que o texto possa alcançar uma dimensão humana. Vale lembrar, que ainda nesta segunda parte, estendemos à prática do perfil o debate acerca da oralidade em um texto jornalístico que busca revelar e reconstruir histórias de pessoas.

Por fim, na última parte do trabalho, analisamos e sistematizamos, com a fundamentação teórica discutida, o perfil *Um homem sem documento* que, como dito, foi construído empiricamente com as reflexões feitas ao longo do artigo.

Perfil jornalístico: a narrativa de histórias de vida em Jornalismo Literário

A caracterização da personagem de uma história de vida – nesse caso, a de sua própria história –, no perfil jornalístico, estabelece um diálogo narrativo com o que Coimbra (1993) denomina de a *reportagem narrativo-descritiva de pessoa*⁶. Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), é aquele texto que enfoca e centraliza a personagem. É, pois, esse gênero nobre do Jornalismo Literário, de acordo com Sérgio Vilas Boas (2008), conhecido também como perfil jornalístico, ou mais ainda: biografia de curta duração, que fará o protagonista da própria história ocupar o centro do texto, em uma dimensão humana.

⁵ Antônio Torres Montenegro. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.

⁶ No texto de perfil, de acordo com Coimbra (1993, p. 103), a personagem é caracterizada quando “diferentes traços, qualidades e características são atribuídos a uma personagem”.

A anuência jornalístico-literária do perfil, desse modo, advém das técnicas da reportagem⁷ e dos recursos literários, possibilitando uma imersão na vida do perfilado, embora o perfil evidencie breves momentos da vida da personagem. Através deste excerto, é possível compreender que a narrativa do perfil é “curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter” (Vilas Boas, 2002, p. 13). Contudo, conforme Vilas Boas, estudioso que logrou continuidade aos estudos do perfil e biografias, há um tanto de cuidado nessa brevidade instituída que vai além de aspar falas da personagem. Emprestando a terminologia de Gustavo de Castro⁸ (2010), lapidar um texto sobre histórias de vida é uma tarefa múltipla como as “faces de um cristal”.

Escrever, narrar, expor, descrever diálogos e cenas, na tentativa de reconstruir histórias do passado, não é tarefa fácil. É preciso uma intensa investigação, observação, liberação dos sentidos, da memória e lembranças. Com isso, o texto do perfil trará em seus elementos o drama humano, como se a vida parasse por um instante – o instante da leitura, provocando “reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós” (Vilas Boas, 2002, p. 22).

Esse mergulho no outro para resgatar seus aspectos humanos, como estuda Medina (2005), definindo-o como *perfil humanizado*, necessita de uma sondagem na complexidade das realidades humanas. Em *Jornalismo Literário: uma introdução*, Gustavo de Castro (2010) sublinha que a busca por essa complexidade⁹ procura também a “complementaridade entre a abordagem analítica e a sistêmica: analítica pela necessidade de extrair os elementos e os fatos que permitem subsidiar as reflexões, e sistêmica, por permitir obter uma visão global, como forma de organizar os conhecimentos, tendo em vista uma maior eficácia da aplicação dos saberes” (Castro, 2010, p. 29).

Em consonância com Castro, a estrutura textual da grande reportagem posta em uma horizontalidade e verticalização narrativa só é possível, desse modo, ao hibridizar a

⁷ Em linhas gerais, o que possibilita à grande reportagem um mergulho em realidades complexas, em um nível de contextualização e imersão, são os processos exigidos como as pesquisas documental e em campo, e entrevistas semi-estruturadas ou de profundidade.

⁸ Escritor, professor e pesquisador da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Tem se dedicado aos estudos do Jornalismo Literário e livro reportagem no Brasil. Seu trabalho mais recente é o romance reportagem *O Enigma Orides* (Hedra, 2015).

⁹ O autor denomina o Jornalismo Literário de *Literatura de Complexidade*, por considerar a narrativa desta sistêmica e complexa. Mas há também outras denominações de pesquisadores desse jornalismo de páginas ampliadas. Sérgio Villas Boas (2013) denomina de jornalismo narrativo, para Edvaldo Pereira Lima (1960), trata-se de literatura da realidade. O mesmo se aplica para os gêneros do jornalismo literário, como o livro-reportagem.

investigação sociológica com a estética literária¹⁰, desafio a que se tem dado o livro-reportagem, considerado por Edvaldo Pereira Lima (2009) a modalidade potencializadora do Jornalismo Literário¹¹.

Sendo assim, as técnicas da grande reportagem e, por sua vez, do Jornalismo Literário incorporadas à narrativa do perfil jornalístico dão força a um texto de aprofundamento, imersão no drama humano e humanização. Importante notar, nesse sentido, que as facetas das histórias do “cristal” do perfil são lapidadas, de certo modo, pelo resgate da memória, no que tange à narração da personagem através das lembranças vividas. Como lembrou Vilas Boas (2002) sobre a importância da memória, cujo instrumento se manifesta na linguagem oral e escrita, para a criação de perfis. De maneira geral, os processos de criação do perfil “combinam-se memória, conhecimento, imaginação, síntese e sentimentos” (Vilas Boas, 2002, p. 14).

O interesse deste trabalho, nessa perspectiva, surgiu do questionamento acerca das reflexões da História Oral e Jornada do Herói na construção de perfis jornalísticos, ambas as técnicas estruturadas pela representação da memória da personagem.

A História Oral e Jornada do Herói na contribuição de perfis

A História Oral, a partir do preceito conceitual de Paul Thompson (1992, p. 40), “é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”. Interessa-nos, desse modo, a construção de narrativas de histórias de vida de heróis e protagonistas do cotidiano.

Por outro lado, mais do que dar espaço para quem nunca teve a oportunidade de contar suas histórias de vida real, o perfil jornalístico possui também uma estreita relação com a História Oral, podendo estar na fronteira com a técnica narrativa mítica da Jornada do Herói, da qual falaremos mais adiante. Precisamente, se a História Oral necessita da entrevista, esta, por sua vez, implica estímulos que advêm com a memória.

¹⁰ Para estudo mais detalhado sobre as características sociológicas e estético-literárias da grande reportagem, ver José Salvador Faro. Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Tese (Doutorado), ECA-USP, 1996.

¹¹ Foram considerados alguns dos estudos mais aprofundados do Jornalismo Literário, como Edvaldo Pereira Lima (2009), Gustavo de Castro (2010), Marcelo Bulhões (2007), Tom Wolfe (2005).

Lembrar é também trabalho. O que chama atenção no exercício da memória é como tecemos a história do passado com os recursos do presente. História, embora fragmentada, (re) construída com as lembranças, o que já permite à memória um caráter socializador. Tal concepção da lembrança, para Éclea Bosi (1987, p. 17), “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Posto a peculiaridade da memória, esta assume o papel de conservar informações, em uma dimensão coletiva ou individual, sofrendo alterações com as experiências do presente. Ainda assim, a função que a memória exerce é social quando ligada à velhice, possibilitando um conhecimento das coisas. De acordo com Bosi (1987), o velho terá com sua memória uma função social dentro dos grupos da sociedade: a função de lembrar.

Afirmações como essa nos levam a discutir, por outro lado, o instrumento da fala para um resgate descritivo e narrativo da memória. Com efeito, a linguagem, enquanto instrumento da memória, “reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (Bosi, 1987, p. 18). Em linhas gerais, a memória permite resgatar o que foi vivido, momentos significativos e acontecimentos fixados pela memória individual ou coletiva. Sendo assim, essa história revisitada pelas lembranças evidencia “um contexto de oposição às formas de dominação social, [quando] dá-se voz à memória das mulheres, de pobres, de crianças e de minorias sociais”, como atestam Janotti e Rosa (1993, p. 11).

Não se trata, nesse caso, como consideramos neste trabalho, de dar voz a minorias sociais, mas sim de dar espaço para as histórias de protagonistas e heróis que vivem numa luta diária para que possam narrar suas histórias, seja em perfis jornalísticos ou em grandes reportagens. Importante que se considere o fato de que o perfil é construído em torno de pessoas, assim como a História Oral, nem sempre conhecida ou com espaço na grande mídia.

Como se pode notar, até aqui, a oralidade na narração de memórias e histórias de vida, também nesse caso, influencia na busca para a construção de identidade da personagem, quando incorporada na grande reportagem ou no perfil jornalístico, como sublinha Alex Criado (2006), ao fazer uma reflexão sobre a importância da oralidade na reportagem.

Ambos [História Oral e Perfil] vão estruturar suas narrativas nas sagas dos heróis anônimos, buscando registrar a história, os anseios e esperanças dos de baixo. A História Oral procura construir a história daqueles que não têm histórias nos livros. A reportagem humanizada dá voz aos que não aparecem nos grandes veículos de comunicação (CRIADO, 2006, p. 41).

Com essa perspectiva, elementos e marcas da oralidade ressaltam a dimensão humana ao passo que, segundo Criado (2006, p. 86), “uma reportagem que pretenda desvendar o real por meio de seus protagonistas não pode se satisfazer em colocar apenas o que ele quis dizer. É preciso levar em conta a forma como foi dito”. Criado preconiza, ainda, que a alternância do foco narrativo entre os diálogos, considerando a diversidade linguística, dá à língua o seu caráter de “fenômeno vivo e social”. Vale lembrar que, recorrente na história oral, “uma das contribuições sociais essenciais que pode ser dada pelo historiador oral, quer em projetos, quer introduzindo citações diretas na história escrita, é ajudar a fazer com que as pessoas comuns confiem em sua própria fala” (Thompson, 1992, p. 42).

O debate em questão é colocado no perfil *Um homem sem documento* quando a personagem entra como protagonista de sua própria história, narrando oralmente suas histórias e memórias de vida e, na narrativa, assumindo o papel de narrador tal como o fez na oralidade.

Como é possível notar, a construção de narrativas de perfis jornalísticos tem como foco a vida de pessoas ou grupos sociais. Do mesmo modo, a marca considerável na relação entre narrativa e mitologia, expressada na mítica Jornada do Herói, não escapa à projeção de incorporar à trajetória do herói um texto que revele a dimensão das histórias humanas deste. A observação feliz de Mônica Martinez (2008), entusiasta dos estudos dessa narrativa mítica, sistematiza que, a partir daí, há uma ligação da comunicação social com a história oral,

No sentido de que a Jornada do Herói permite não apenas traçar a história de estrelas, políticos, *socialites* e outras figuras de projeção, porém dar voz aos anônimos, às pessoas comuns, aos marginalizados pelo poder. Ou seja, aos indivíduos que até pouco tempo não eram considerados sujeitos nem pelos historiadores nem pelos jornalistas tradicionais, que na maioria dos casos se limitavam a extrair falas esparsas destes “populares” (MARTINEZ, 2008, p. 42).

Criada pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell, a Jornada do Herói trabalha com métodos articuladores de reconstrução das trajetórias de vida de figuras humanas, como já afirmado neste trabalho, como exemplo o resgate de histórias de um senhor de 70 anos, catador de materiais recicláveis em um aterro sanitário e que vive sem documentos, do perfil que será discutido a seguir. Esse método de narrativa foi incorporado aos roteiros cinematográficos dos Estados Unidos por Christopher Vogler e, mais recentemente, pelo professor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima ao Jornalismo Literário, ponto de interesse do nosso estudo.

Ao propor a estrutura da narrativa mítica para a construção de histórias de vida como direções ou possibilidades, Martinez (2008, p. 37) observa que essa estrutura “visa compreender a jornada humana de uma forma aprofundada”. Visto de outra maneira, é o relato humanizado da trajetória pela qual o herói passou – seus percursos até o seu protagonismo na luta do dia a dia.

Os elementos e etapas imbricadores dessa estrutura de texto, de acordo com o estudo sistematizado de Martinez (2008), iniciam-se com as etapas do cotidiano, chamado à aventura, recusa do chamado e travessia do primeiro limiar. Na segunda fase da Jornada, há as etapas de testes, aliados e inimigos, caverna oculta, provação suprema, encontro com a deusa e recompensa. O último trilha da trajetória é composto, desse modo, pelo caminho de volta, ressurreição e retorno com elixir.

A seguir, discutiremos algumas dessas etapas na construção do perfil *Um homem sem documento*, subsidiado pelas técnicas da Jornada do Herói e História Oral, com mecanismos narrativos e descritivos postulados por Coimbra (1993). Ressaltamos, portanto, que as etapas da Jornada não estão estruturadas de maneira linear no texto do perfil.

A Jornada do Herói e História Oral no perfil *Um homem sem documento*

Edson José da Silva nasceu a 06 de junho de 1946 em Muriaé, Minas Gerais. Filho de lavradores e o mais novo de três irmãos, Edson passou grande parte de sua vida em Quinta do Sol, Paraná. Analfabeto, mas com larga experiência de vida, trabalha como catador de materiais recicláveis no aterro sanitário Dom Antônio Barbosa, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Perdeu todos os documentos e, por essa razão, não possui nenhum mecanismo de aposentadoria. O herói da luta diária carrega, hoje, a violação de seus direitos não garantidos, como a aposentadoria.

Posto as devidas proporções, vislumbramos a concepção de construir o perfil citado acima para, em seguida, fazermos a reflexão e fundamentação teórica da utilização dos métodos narrativos vistos até o momento, e como estes contribuem para uma narrativa mais humanizada. Emprestando a definição de Rogério Christofolleti¹² (2004, p. 218), “[...] Ser cobaia de si mesmo pode parecer confortável, mas traz em si muitos perigos também. Um

¹² Trata-se da tese de doutorado do autor *A medida do olhar: objetividade e autoria na reportagem*, defendida em 2014 no Núcleo de Epistemologia de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Christofolleti faz uma reflexão sistemática sobre a autoria na grande reportagem e, para isso, analisa suas próprias reportagens.

deles: deixar-se cortar na própria carne”. Dessa maneira, incorporamos a experimentação à discussão teórica, tomando os devidos cuidados para não cortar a própria “carne”.

O *cotidiano* dentro da narrativa serve para destacar as dimensões humanas, mais do que para apresentar o protagonista da história. É a etapa, segundo Martinez (2008), pouco desenvolvida nas reportagens. Nesse começo e também recomeço da trama, é preciso prender a atenção do leitor do início ao fim. A construção dessa etapa, “deixa claro, também, o motivo ou motivos que lançam o protagonista à ativa” (Martinez, 2008, p.66). Em consonância com essa etapa, por exemplo, o perfil em debate tem como início a cena da última luta do protagonista, ainda na adolescência, descrita por ele. O final dela, para o protagonista, será decisivo, pois o deixará com uma marca que carrega até hoje.

Do episódio acima, logo fica claro que o percurso desse herói mineiro, radicado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e sem documentos será marcado por perdas e golpes. Dessa maneira, descrever, de acordo com Coimbra (1992, p. 107), “é selecionar os aspectos que mais impressionam os sentidos”, como podemos notar a seguir no trecho que descreve o momento da luta do perfilado, um exemplo de descrição do *cotidiano*.

Quem acompanha [a luta] pode estar tomado pela certeza de que o outro, um garoto franzino, sairá vencido. Não havia mais o zunzum do começo da luta; todo ruído foi tomado pela apreensão do que poderia acontecer.

O *chamado à aventura*, segundo Martinez (2008, p.70), “pode ser um convite de trabalho numa área ou cidades diferentes algum elemento fora do normal que interfira na vida” do herói. No entanto, a recusa desse chamado é uma opção por não abandonar o barco, por assim dizer, para buscar outros caminhos. Essa etapa pode também acontecer quando o herói tem um *apego afetivo*, uma das definições estudadas por Martinez (2005, p. 77). Ou seja, “os vínculos emocionais podem prender o protagonista ao cotidiano” – incluindo, aí, os vínculos familiares, sobretudo. Isso fica claro na passagem em que o herói explica o motivo pelo qual não o fez sair de casa, como os outros irmãos.

Eu tinha um casal de velho. [...] Minha mãe falava: ‘Quem casa, qué casa’. Então, falava assim, ó, um ditado: ‘Nora num se dá com sogra’. [...]. Aí eu falava: ‘não, eu vou arrumá uma mulher que num se dá com a minha mãe ou o meu pai, não sou obrigado deixar, escolher um ou outro.

Interessante notar na passagem acima a caracterização da fala da personagem, sem atribuição do narrador. Para Coimbra (1993), a prerrogativa descritiva de pessoa, nesse caso, implica a característica pelo modo de pronunciar as palavras, revelando os “elementos

humanos”. Entre as características, está o emprego pelo grau de escolaridade, que, “assim como as diferenças sociais e econômicas, as culturais também determinam a inserção de um falante [...] na escala linguística: dialeto culto, dialeto comum, dialeto popular” (Coimbra, 1993, p. 112).

Ainda nesse primeiro percurso do herói, há a *travessia do primeiro limiar*, quando “chega a hora da pessoa implementar a mudança, seja trocando de cidade, de posto de trabalho”, como sublinha Martinez (2008, p. 81). Nesse sentido, a tentativa frustrada da família de Edson de plantar hortelã foi o que ocasionou uma desestruturação familiar e consequente mudança.

– Ou vocês sai fora ou morre – disse, em tom intimidador, um dos homens escolhidos para negociar a falsa venda dos 100 hectares.

[...]

– Perdemu tudo! Os caras expulsaram eles [o pai e irmãos que foram comprar a terra]; era terra grilada. Ficamos só com uma casa; vendemos três casas, o carro, dez alqueiro de artelã do alambique, pra poder plantar – recorda-se Edson, com expressão de desalento.

Dessa maneira, após o *grande golpe* pelo qual a família do protagonista passou, os vínculos entre irmãos foram ficando distantes: um desaparece misteriosamente, dois vão à procura de melhores condições, sendo um deles assassinado durante esse trajeto. Edson, no entanto, se recusa a sair dos laços afetivos. Prefere ficar ao lado dos pais, com quem passará outras etapas de sua jornada, como pudemos notar até aqui.

Entrando na segunda passagem da Jornada, podemos identificar os *aliados*, aqueles que “ajudam nas tarefas empreendidas pelo protagonista” (Martinez, 2008, p. 86). Consideramos que os objetos podem também se tornar aliados do herói, como, por exemplo, a enxada que Edson guarda até hoje. Com ela, o perfilado conseguiu um emprego. Como é possível notar essa etapa no diálogo transcrito abaixo.

– Olha, o senhor tá com essa enxada, não quer carpir quatro metro em volta do barracão todim?

– O senhor quer quantos pra carpir? – insiste o homem, sem saber que Edson já aceitara de imediato. Que benção, pensou.

– Me dá dez real? – respondeu, impaciente.

– Pode ser. Amanhã você começa? [...].

A etapa central da narrativa mítica, segundo Martinez (2008, p. 92 *apud* Volger, 1997), é a *provação suprema*, quando “os heróis enfrentam a morte ou algo semelhante: seus

maiores medos”. Edson tem a trajetória de vida marcada por perdas: mãe, pai, irmão e filho. Como fica claro no diálogo com o irmão logo após a morte do pai.

– Mano velho, é duro, mas cê tem que ser forte – consola o irmão de Edson.

[...]

– Agora é nós dois em riba aqui da terra. Foi outro irmão, nós não sabe se tava morto ou vivo. E foi outro irmão, foi mãe, foi pai, só tá eu e você. [...].

Há, como se pode notar, em *Um homem sem documento*, a utilização do método de narrativa mítica da Jornada do Herói. Ao desenvolvermos esta reflexão acerca do uso dessa Jornada do Herói e História Oral na contribuição de perfis jornalísticos, foi, também, necessário recorrer aos estudos das técnicas da reportagem narrativa de Coimbra (1993).

Para o perfil, convém observar, a utilização do descritivo de pessoa, as particularidades físicas, como pontua Coimbra (1993, p. 106), “através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem”. Como exemplo para esse excerto de Coimbra, é o momento em que é feita a descrição da personagem.

É magro, mas robusto. Mineiro, mulato escuro de barba e cabelos brancos, destoantes das sobrancelhas fortes e escuras. Veias grossas saltam pelas mãos de dedos curtos e revelam uma pessoa que nasceu na roça e começou desde cedo a trabalhar com a enxada.

As marcas narrativas sistematizadas pelo autor se alargam para as “características psicológicas”, formando um conjunto de reações do comportamento da personagem, como na passagem a seguir, em que revela a tensão na postura de Edson.

Silencia, na tentativa de se recordar do assunto. Esfrega as mãos calejadas uma na outra, e quebra o silêncio [...].

Pelo que se pode compreender, verificamos a tentativa de construção de uma narrativa mais humanizada, na qual o herói do cotidiano, nesse caso representado pelo Edson, se torna centro do texto, onde são revelados seus dramas humanos: o homem sem documentos é também um homem sem direitos.

Seguindo essa perspectiva – na construção do perfil de Edson – a história oral, como já discutida neste trabalho, não somente está presente através das técnicas de entrevista¹³, mas

¹³ A elaboração do perfil de Edson José da Silva seguiu a estrutura de captação de histórias de vida da História Oral, com subsídios do método de entrevista história de vida, que coloca o entrevistado no centro principal da

também na forma como o protagonista vai tecendo suas próprias histórias, por meio da memória. Desse modo, o protagonismo da personagem ganha força, uma vez que ele, além de se tornar voz de sua própria narrativa, entra no texto em primeira pessoa.

Há momentos em que Edson assume o papel de narrador de suas memórias e histórias. A narrativa de *O homem sem documento* é construída com recursos extraídos de um dos gêneros nobres do jornalismo: o perfil jornalístico. Vilas Boas (2002, p. 62), nesse sentido, considera que “os princípios e as técnicas da história oral de vida assemelham-se muito aos do livro-reportagem elaborado com rigor”.

Contudo, não foi necessário aspar a personagem ou parafraseá-la. A personagem entra como protagonista de sua própria história, assumindo o papel de narrador em primeira pessoa.

Há também, dentro desse aspecto, o recurso da oralidade. Tanto que, no perfil, foi transcrito exatamente o *que* e *como* o perfilado disse, respeitando sua liberdade de expressão. Essa incorporação da oralidade auxilia na construção da identidade do protagonista. No entanto, há um impasse a que está submetido esse recurso. Se por um lado a ausência da oralidade pode descaracterizar a personagem, por outro se corre o risco de estigmatizá-la¹⁴. Para que isso seja superado, de acordo com Criado (2006, p. 26), a reportagem ou perfil deve “conseguir construir os personagens de maneira geral”.

Em uma interessante comparação, ainda nesse sentido, Alex Criado (2006, p. 25) preconiza que essa incorporação da oralidade se refere “ao esforço de tentar reproduzir, além do conteúdo do discurso, o modo de falar de cada personagem. E também porque, assim como a fala escrita, o jornalismo também é uma representação do real, não o real em si”.

A título conclusivo, o homem sem documento é também, como já dito, sem direitos e cidadania. Dentre as possibilidades da Jornada do Herói na narrativa do perfil estudado, há a *recompensa*, “ponto em que o herói da narrativa transcende a vontade de viver puramente para satisfazer seus desejos pessoais”, segundo Martinez (2008, p. 98). Talvez não seja descabido ressaltar, nesse sentido, que a não garantia de direitos ao protagonista possa ser um fator impeditivo para que a sua recompensa seja alcançada, entre elas a viabilização de sua

história, “incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (Alberti, 2005, p. 38).

¹⁴ Para mais estudos sobre preconceito linguístico ou perfis sociolinguísticos, ver o linguista e professor da Universidade de Brasília (UnB) Marcos Bagno, especialmente em *Preconceito Linguístico*. Interessante notar como essa discussão, estendida às praias do jornalismo, necessita de atenção – embora não seja o objetivo deste trabalho. A título de exemplo para tal discussão, de acordo com Bagno (1999, p. 124), “todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a *gramaticidade* ou *agramaticidade* de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. (...) Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna (...)” (grifos do autor).

aposentadoria já que, ainda de acordo com Martinez (2008, p. 99), “a recompensa é proporcional ao objetivo ao qual se lançou o protagonista”.

Considerações finais

Construir narrativas com histórias orais ou reconstruir o passado por meio da memória talvez seja, como consideramos neste trabalho, um dos desafios para o perfil jornalístico. A narrativa da vida real requer, portanto, um mergulho no outro, para revelar seus dramas e desvendar os aspectos humanos. A partir de certas considerações, as possibilidades de reflexão, levantadas e discutidas no presente artigo, para a contribuição de perfis jornalísticos, carecem de continuidade.

Narrar a trajetória de vida de uma personagem sob a perspectiva dos modelos de narrativa mítica, como é o caso da Jornada do Herói, ressaltam a dimensão humana, sob o ponto de vista da interpretação, compreensão de realidades e transmissão de saberes, pois o herói, assim como o velho que desempenhará a função social de lembrar, é protagonista e ao mesmo tempo sobrevivente da sua própria história e da história de sua comunidade, de acordo com nossas considerações.

Do mesmo modo, a História Oral, no tecido dessa narrativa de histórias de vida, resgata fatos e histórias de diferentes formas vivenciadas pela personagem, colocando-a na posição de protagonista, como demonstramos com o perfil *Um homem sem documento*.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar: objetividade e autoria na reportagem**. Tese (Doutorado). São Paulo: ECA/USP, 2004.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

CRIADO, Alex. **Falares:** a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem. Tese (Doutorado) São Paulo: ECA/USP, 2006.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco; ROSA, Zita de Paula. **História oral:** uma utopia? Revista Brasileira de História. Volume 13. nº 25/26, pp. 7-16. São Paulo: 1993. Disponível em: http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=17. Acesso em: 11. Abril. 2016.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

PORFÍRIO, Iago. **Um homem sem documento.** Campo Grande, MS, 2016. Disponível em: https://issuu.com/iagoporfirio/docs/perfil_um_homem_sem_documento. Acesso em: 27. Maio. 2016.

THOMPSON, Paul; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos:** o jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.